

Um novo olhar sobre os bairros

DESAFIO DA RECONSTRUÇÃO

MATEUS SOUZA



Enchente histórica do Rio Taquari deixou um rastro de destruição na região. Em Lajeado, centenas de edificações foram afetadas pela elevação das águas. Muitas delas estão em condições de uso, principalmente no Centro e no bairro Conservas (foto). Município prepara novos projetos habitacionais e anuncia a intenção de construir 300 moradias pelo programa Minha Casa, Minha Vida, e na modalidade Calamidade. Áreas selecionadas estão em análise na Caixa Econômica Federal.

PÁGINAS 4 E 5

A VOZ DO BAIRRO

“



As pessoas não viveram isso antes. Por isso, nós precisamos reeducar e repensar daqui para frente. Nosso parâmetro não é mais o passado, de 1941. É a enchente de agora”

CINTIA AGOSTINI, PROFESSORA DA UNIVATES, SOBRE A NECESSIDADE DE UM PLANEJAMENTO PARA PREVENÇÃO ÀS FUTURAS CHEIAS

EMPRESAS E ENTIDADES SE MOBILIZAM À RETOMADA

Comércio sofreu perdas consideráveis por conta da inundação. Mutirão aponta quais as maiores necessidades materiais. Setor também espera por liberação de recursos federais e do Estado.

PÁGINAS 6 E 7

150 ANOS

CONHEÇA AS MAIORES CHEIAS DA HISTÓRIA

Registros contam sobre uma grande enchente já no ano de 1873, que teria arrasado diversas cidades do Vale. Em Lajeado, é a lembrança das cheias de 1941 e 1956 que permanece viva na memória da comunidade.

PÁGINAS 12 E 13

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE LAJEADO



Para nunca esquecer

Grandes catástrofes costumam trazer lições. Por mais duras que sejam. E a tragédia natural enfrentada pelo Vale do Taquari no começo deste mês mostra que precisamos o quanto antes fazer a lição de casa, sob o risco de vivenciarmos novamente os tristes e desoladores cenários que marcaram as últimas semanas.

Choveu muito nas cabeceiras, é verdade. Mais do que as projeções climáticas iniciais apontavam. No entanto, é possível identificar quando grandes volumes de chuva estão a caminho. Toda a tecnologia existente hoje seria capaz de, ao menos, apontar um risco iminente de inundação. Mas isso não aconteceu por aqui. Ou demorou demais para acontecer.

Nossas Defesas Cívicas passaram por um importante processo de qualificação nos últimos anos. Mas se mostraram insuficientes diante de um episódio catastrófico. Em Lajeado não foi diferente, ainda que os estragos tenham sido menores do que em cidades como Encantado, Muçum e Roca Sales. Mesmo assim, os prejuízos são enormes e representam um baque para a economia local.

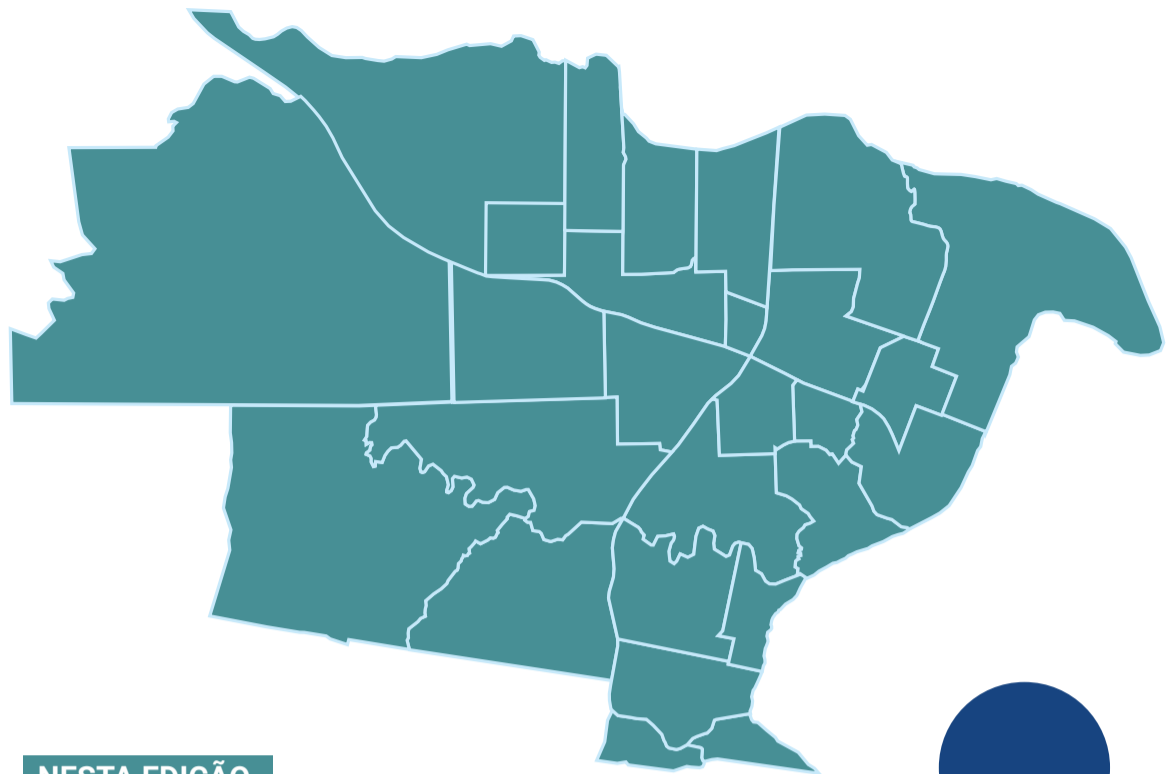
O Centro Histórico e o bairro Conservas foram os mais afetados.

“

A negligência custa (muito) caro. Em 2023, nos custou vidas. Cinco delas só em Lajeado. Que não caia no esquecimento”

Mas as águas também inundaram áreas na Hidráulica, no Universitário, em Carneiros e até no Moinhos. Casas, prédios públicos e empresas sofreram perdas parciais ou totais. Famílias precisaram se abrigar em ginásios ou na casa de amigos e parentes. E, infelizmente, vidas se perderam em meio a essa situação caótica.

Mais do que nunca, investimentos maciços em tecnologia e equipamentos se fazem necessários para melhorarmos o monitoramento e a prevenção. Além disso, um trabalho mais integrado com outros municípios é essencial para melhorarmos nossa resposta às enchentes. A negligência custa (muito) caro. Em 2023, nos custou vidas. Cinco delas em Lajeado. Que não caia no esquecimento.



NESTA EDIÇÃO

A reconstrução da cidade após a enchente histórica

Publicação de setembro do projeto “Lajeado - Um novo olhar sobre os bairros” abre espaço para a repercussão da cheia do Rio Taquari, que devastou a região. No caso de Lajeado, foram milhares

de pessoas desabrigadas e centenas de edificações afetadas. Pelo menos dez bairros foram impactados, sobretudo a parte baixa do Centro e o Conservas. O que fazer daqui para frente?

IMPRESSÕES SOBRE LAJEADO



O Parque Ney Santos Arruda é um dos principais cartões-postais na atualidade. Imagens mostram como ficou a área após o nível do Rio Taquari baixar.



Um novo olhar sobre os bairros

EXPEDIENTE GRUPOA HORA

PRODUÇÃO

TEXTOS
Mateus Souza
Raica Franz Weiss
Ana Lorenzini

ARTE E DIAGRAMAÇÃO
Marcelo Grisa

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Rodrigo Martini
Luciane Ferreira

IMPRESSÃO

Grafica Uma/
junto à Zero Hora

COMO PREVENIR AS PRÓXIMAS CHEIAS?

As maiores enchentes de Lajeado

1º (1941) – 29,92 metros

2º (2023) - 29,62 metros

3º (1956) – 28,86 metros

4º (1946) – 27,40 metros

5º (2020) – 27,39 metros

6º (1954) – 27,35 metros

7º (2001) – 26,95 metros

8º (2011) – 26,85 metros

9º (2008) – 26,65 metros

10º (1959) – 26,63 metros



FÁBIO KUHN

desabrigados e kit cesta básica e de limpeza”.

Nota técnica

Um documento, assinado por nove especialistas do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aponta que a tragédia poderia ter sido mitigada caso houvesse maior preparo das Defesas Cíveis e melhores sistemas de alertas nas comunidades.

Pela nota, o episódio mostrava potencial de grande inundação no Vale do Taquari até 24 horas antes da água passar dos 29 metros em Lajeado. Como evidência, afirmava que, no dia 4 de setembro, a ponte de ferro sobre o rio das Antas, entre Farroupilha e Nova Roma do Sul, foi levada pelas cheias.

Também citava o monitoramento de chuva que indicava uma precipitação acumulada de 280 milímetros desde o início do mês em Serafina Corrêa, entre os rios Carreiro e Guaporé.

Em entrevista ao Grupo A Hora neste mês, o diretor do IPH e doutor em hidrologia, Joel Goldenfum, reforçou as informações contidas na nota. Para ele, a falha maior não foi em subestimar a cheia, e sim, em não conseguir alertar a população a tempo.

“Precisamos rever uma série de medidas daqui para frente. Pensar

Rio Forqueta, na divisa com Arroio do Meio, também transbordou. Águas atingiram a parte baixa do bairro Universitário

Episódios como a enchente histórica deste ano tendem a se tornar recorrentes. De que forma é possível se preparar às futuras inundações? Governo municipal busca implementar medidas em curto prazo. Para especialistas, catástrofe deste mês poderia ter sido mitigada

Município mais populoso da região, Lajeado foi atingido em diferentes pontos. Foram pelo menos dez bairros impactados. Centro e Conservas concentraram o maior número de famílias desabrigadas. As águas também atingiram pontos onde antes moradores nunca haviam vivenciado uma inundação.

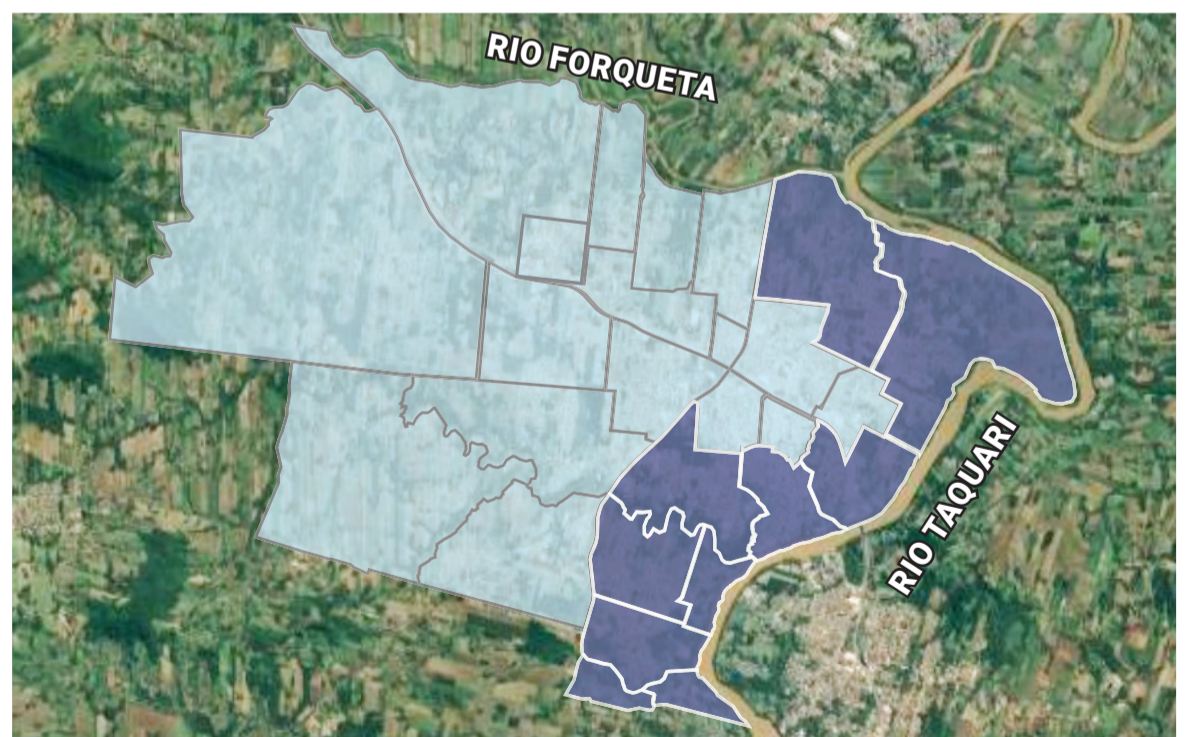
Muitas famílias conseguiram deixar suas casas com antecedência justamente por experiências traumáticas anteriores. Outras confiaram nas projeções de que o rio não subiria tanto e sofreram as consequências. Neste sentido, pesquisadores e especialistas apontam falhas na prevenção, no preparo e no alerta.

Ações imediatas

O Executivo de Lajeado já busca implementar medidas a curto prazo e não esperar acontecer uma nova catástrofe para se movimentar. O secretário de Segurança Pública, Paulo Locatelli, lidera este trabalho em conjunto com a Defesa Civil municipal. Num primeiro momento, a prioridade é melhorar a comunicação e a capacidade de resposta.

“Estamos nos organizando em termos mais de equipamentos para manutenção em eventos adversos, como gerador e internet via satélite para fortalecer a radiocomunicação. E também em EPIs e EPCs. Isso no curto prazo. A médio e longo prazos, vamos ver com os órgãos em nível estadual e federal como podemos melhorar nossas frentes em termos de monitoramento”, frisa.

No entanto, há um entendimento de que será necessária verba adicional para aquisição dos novos itens, bem como para uma nova sede e um veículo adequado. “Atualmente, o valor que temos é para o pagamento do transporte das famílias, alimentação para os



Em Lajeado, os pontos mais atingidos pela enchente foram os que estão em destaque no mapa: Centro (parte baixa), Conservas, Morro 25, Nações, Santo Antônio, Jardim do Cedro, Moinhos, Universitário, Carneiros e Hidráulica

Passada a enchente histórica que castigou a região, muitas dúvidas permanecem quanto ao futuro. Como serão as próximas cheias? Há chance de uma nova catástrofe? Perguntas ainda sem respostas. No entanto, há uma certeza. Episódios como o do ciclone extratropical – responsável pela grande quantidade de chuva que caiu nas cabeceiras do Rio Taquari – tendem a se tornar mais recorrentes.

Só neste ano, por exemplo, já se formaram diferentes ciclones nos meses de junho, julho, agosto e setembro no RS. Nem todos tiveram efeitos devastadores como o do começo deste mês. O desafio que fica é, além de identificar a formação destes fenômenos, projetar possíveis estragos e planejar formas de prevenção ou de minimização de danos.

APÓS CATÁSTROFE, PLANO É CONSTRUIR 300 MORADIAS

Município conta com projetos cadastrados no Minha Casa, Minha Vida e no Calamidade, duas modalidades disponibilizadas pela Caixa. Ao todo, foram identificadas oito áreas para abrigar as futuras habitações. Hoje, 85 famílias recebem o aluguel social na cidade

Quase 2 mil imóveis na cidade foram atingidos pela enchente histórica dos dias 4 e 5 de setembro. É o que aponta relatório prévio desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), por meio de engenheiros civis voluntários. Destes, 5,9% registraram inundação acima dos três metros de altura.

Muitos desses imóveis não possuem mais condições de uso, pela análise dos profissionais. Por isso, o governo municipal busca acelerar a consolidação de novos pro-

jetos habitacionais. O objetivo é garantir uma moradia digna e em áreas sem risco de inundação para as famílias que perderam tudo. Ao todo, 13 terrenos foram selecionados para as futuras construções.

Segundo a vice-prefeita Gláucia Schumacher, há dois projetos diferentes cadastrados no governo federal para a construção das moradias. Um deles, pelo Minha Casa, Minha Vida, já havia sido protocolado antes mesmo da enchente. O outro, da Calamidade, é de uma modalidade específica para famílias afetadas por fenômenos climáticos.

No total, o município planeja a construção de 300 unidades. “Temos áreas selecionadas que ainda necessitam de aprovação da Caixa Econômica Federal. E há vários critérios, pois precisam ter nas proximidades uma escola, um posto de saúde e também serviços como supermercados. Então não é simplesmente ter a área. Ela precisa se encaixar. Não podemos colocar essas pessoas em locais sem a infraestrutura adequada”, pontua.

Detalhamento

No Minha Casa, Minha Vida são 150 imóveis cadastrados, construídos em três terrenos no bairro Igrejinha e dois no Santo Antônio. No Calamidade, as 150 casas estarão mais espalhadas caso o projeto seja aprovado, com três áreas no Conservas, duas em Conventos, mais duas no Morro 25 e uma no



Moradores ainda não sabem se poderão seguir em casas atingidas pela cheia. Maior parte está nos bairros Centro e Conservas

demandas regionais. A habitação foi uma das temáticas abordadas pelas equipes técnicas. A expectativa é que, a partir deste encontro, os processos sejam acelerados.

“A gente nota um esforço grande do governo federal para resolver este problema. Eles vieram aqui e retornaram”, realça Gláucia. Ela acredita que, a partir do início da construção das moradias, as obras sejam finalizadas em um ano.

Aluguel temporário

Ainda este mês, o município destinou R\$ 2 milhões para auxiliar as famílias que ficaram desabrigadas durante a enchente. Deste montante, metade foi repassada para custear aluguéis sociais, enquanto o restante fica para materiais de reparos nas residências, como telhas, tijolos e cimento.

Um projeto de lei foi aprovado neste mês na câmara de vereadores, determinando o repasse do aluguel social, de R\$ 1 mil por família, dentro de seis meses. As parcelas sempre serão pagas no décimo dia útil do mês. Para que as famílias recebam o benefício, é necessário preencher os requisitos determinados pelo Executivo.

“Hoje, há dois tipos de aluguéis sociais na cidade. Para quem é vulnerável, é prorrogável, mas para esse momento de calamidade, foi

criado nessa modalidade de seis meses. Não colocamos na lei, mas se for necessário, certamente será possibilitada a prorrogação também”, frisa Gláucia.

O cadastramento dessas pessoas é feito no Centro Especial de Apoio às Pessoas Atingidas pela Cheia (Ceapac), que funciona no prédio da Acvat, na avenida Benjamin Constant. Hoje, 85 famílias já recebem o benefício.



Temos áreas selecionadas que ainda necessitam de aprovação da Caixa Econômica Federal. E há vários critérios, pois precisam ter nas proximidades uma escola, um posto de saúde”

GLÁUCIA SCHUMACHER,
VICE-PREFEITA

Jardim do Cedro.

Como os projetos estão em análise por parte da Caixa, o município ainda não divulga onde são os pontos exatos em que as moradias serão executadas. “No Calamidade já temos a pré-aprovação, o que nos facilita bastante. Agora temos que esperar a aprovação definitiva”, comenta Gláucia.

Reuniões de trabalho

Na quinta-feira, 28, uma comitiva do governo federal esteve na Univates, onde ocorreram diversas reuniões de trabalho para detalhar a liberação de recursos às

Equipes técnicas do governo do RS e da Univates se reuniram nesta semana para tratar das moradias



DIVULGAÇÃO/EDP



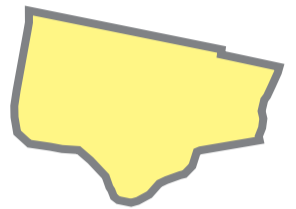
Os projetos para novas moradias



**MINHA CASA,
MINHA VIDA**
150 imóveis



3 terrenos no
Bairro Igrejinha



2 terrenos no
Bairro Santo Antônio

CALAMIDADE

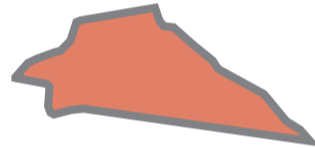
150 imóveis



3 terrenos no
Bairro Conservas



2 terrenos no
Bairro Conventos



2 terrenos no
Bairro Morro 25



1 terreno no
Jardim do Cedro

Programa nacional

Enquanto não iniciam as obras para novas moradias, uma alternativa também é o programa nacional de aluguel social. Detalhes foram abordados nessa quinta-feira, pelo ministro da Integração e Desenvolvimento Regional, Waldez Góes, durante visita da comitiva federal ao Vale do Taquari.

A proposta parte de um sistema de cadastro a partir dos dados existentes para beneficiários do Bolsa Família. Conforme Góes, ainda não se tem tabulado o quanto será necessário de recursos para novas casas. A liberação de uma verba de apoio para custear o aluguel das famílias em situação de vulnerabilidade pode ser uma alternativa viável.

Entre as preocupações, estão as áreas destinadas às moradias devido à topografia do Vale do Taquari, que tem áreas de encosta junto com terrenos alagáveis. De acordo com o secretário de Habitação e Regulamentação Fundiária do RS, Fabrício Peruchin, foi feito o mapeamento de todos os pontos nos municípios atingidos e existe a determinação dos locais onde os programas podem ser executados.

Organização

A projeção de novas edificações nas cidades afetadas conta com um trabalho conjunto, desenvolvido pelas secretarias de Desenvol-

Saldo da cheia em Lajeado

990 pessoas foram realocadas em um dos cinco abrigos disponibilizados pelo município (Parque do Imigrante, Centro Esportivo do São Cristóvão e ginásios dos bairros Montanha, Conservas e Morro 25). Isso representa 350 famílias;

1,1 mil é o número estimado de pessoas que deixaram suas casas durante a cheia. Aqui, são inclusos aqueles que foram para a casa de parentes e amigos;

5 óbitos confirmados em Lajeado em decorrência da enchente do Rio Taquari. É o terceiro município da região com mais mortes, atrás apenas de Muçum e Roca Sales;

2 pessoas moradoras de Lajeado ainda são consideradas desaparecidas pelo monitoramento da Defesa Civil Estadual.

vimento Urbano e Metropolitano, e de Planejamento, Governança e Gestão, a Defesa Civil do RS, o Escritório de Desenvolvimento de Projetos (EDP) e o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (Semeia-Emau), da Univates. Reuniões de trabalho ocorrem quase que diariamente para acelerar a execução dos projetos.

Conforme a integrante do Comitê dos Bairros e coordenadora do Semeia-Emau, arquiteta, Jamile Weizenmann, neste momento La-

jeados e os demais municípios estão na fase de organização do plano de trabalho, que define as propostas para busca de recursos junto ao governo para reconstrução das habitações. Uma das frentes é compreender as áreas dos municípios que foram afetadas em uma parte mais significativa, formando uma região de unidades habitacionais que foram destruídas.

“Neste caso, o município pode propor um plano de trabalho no qual se prevê a reconstrução des-

as unidades em local adequado. Para isso, devem apresentar na documentação, conforme orientação da Defesa Civil, uma visão legível do antes e depois do desastre, que tem sido feita por meio de fotos de drones e organização de ortomosaicos com demarcações do conjuntos de casas afetadas”, explica. O Semeia-Emau tem desenvolvido as representações gráficas e os ortomosaicos para auxiliar na composição dos documentos necessários aos municípios.

Relatório técnico das edificações no município

MAPEADAS
32.462

ATINGIDAS
1.917

PERCENTUAL COM INUNDAÇÃO ACIMA DE 3 METROS
5,9%

IMÓVEIS INUNDADOS
16,1%

Fonte: UFRGS

ENTIDADES UNEM FORÇAS PARA RECONSTRUÇÃO DAS EMPRESAS

Centenas de negócios da cidade foram afetadas, de diferentes formas, pela inundação do Rio Taquari. Diagnóstico e mutirão ajudam na identificação das principais necessidades para definição de ações e busca por recursos federais e auxílio estadual

A enchente histórica do Rio Taquari representou um duro baque para a economia local. Centenas de empresas, de diferentes portes, foram afetadas. Entre prejuízos materiais até danos estruturais graves, os desafios para a retomada a pleno dos negócios são imensos. Por isso, entidades buscam prestar suporte nesse momento de dificuldade.

Em Lajeado, levantamento feito a partir dos dados colhidos nos mutirões mostram que, pelo menos 1,6 mil empresas foram impactadas pela inundação do rio. Isso representa 10% dos cerca de 15 mil CNPJs cadastrados na cidade, segundo o secretário de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Agricultura, André Bucker.

Os estragos variam, conforme o tamanho do empreendimento ou também a cota em que estão situa-



“Todo o comércio local sofreu um baque muito grande, com recuo nas vendas e no faturamento pela metade. Isso é muito preocupante”

AQUILES MALLMANN,
PRESIDENTE DA CDL LAJEADO

dos. São 1,9 mil CNPJs que estão abaixo da cota 30 na cidade, segundo levantamento da secretaria.

Muitos destes, no entanto, ficam localizados em edificações com dois andares ou mais e não necessariamente sofreram perdas materiais.

Entidades como a Associação Comercial e Industrial de Lajeado (Acil) e a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) têm tomado à frente no apoio não somente aos associados, mas também aos empreendedores da cidade como um todo. Nisso, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) também presta um papel fundamental.

Força-tarefa

Iniciativa da Câmara de Comércio, Indústria e Serviços do Vale do Taquari (CIC-VT), com o apoio do Sebrae, da Junta Comercial, das associações regionais e dos governos municipais e estadual, busca um diagnóstico mais preciso da



No dia 22, mutirão levou centenas de empresários à sede do CDL Lajeado para levantamento das perdas

Ivandro entende que as medidas anunciadas pela União precisam de mais detalhamento. “A maioria até agora se concentra no público do Cadastro Único, que é pouco expressivo na região. Quanto aos empresários, faltam mais detalhes para que as empresas possam acessar os recursos e usar as verbas para reestruturar seus negócios e retomar a operação, gerando emprego e renda”, frisa.

A maior preocupação do dirigente é com uma possível demora na liberação de verba, tomando como exemplo a cheia de 2020. “Segundo informações, ainda não se recebeu recursos prometidos há três anos. As questões não podem ser dessa forma, pois aí não agrega em nada”.

situação das empresas da região que foram afetadas pela cheia. Mutirões já foram feitos em diversas cidades.

Conforme o presidente da CIC-VT, Ivandro Rosa, o diagnóstico auxilia na tomada de medidas mais assertivas para socorrer o setor produtivo da região. Também subsidia os governos federal e estadual na definição de políticas voltadas às empresas.



No começo da tarde do dia 5, nível do Taquari atingiu ápice em Lajeado. Algumas lojas na Bento ficaram debaixo d'água



FOTOS: MATEUS SOUZA



“



Faltam mais detalhes para que as empresas possam acessar os recursos e usar as verbas para reestruturar seus negócios e retomar a operação, gerando emprego e renda”

IVANDRO ROSA,
PRESIDENTE DA CIC-VT

Apoio aos indiretos

Presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) Lajeado, Aquiles Mallmann salienta que, desde o primeiro momento, a entidade tem prestado apoio aos associados atingidos. Para isso, buscou identificar, junto às empresas, quais foram os prejuízos e também as principais necessidades para a retomada.

“Mais de 100 pessoas fizeram o cadastramento na sexta-feira passada (dia 22), quando ocorreu o mutirão. São empresas que também buscam ajuda junto aos governos. Também fizemos

campanhas e conseguimos muitas doações. Ajudamos não só Lajeado, também Muçum, Roca Sales, Arroio do Meio e Cruzeiro do Sul”, ressalta.

Apesar da preocupação geral com os empresários atingidos, Mallmann reforça também a necessidade de atenção às empresas afetadas indiretamente. “Todo o comércio local sofreu um baque muito grande, com recuo nas vendas e no faturamento pela metade. Isso é muito preocupante”, frisa.

Mapeamento das necessidades

Gerente regional do Sebrae, Liane Klein afirma que, a partir do momento em que os dados das empresas atingidas estiverem tabulados, será possível direcionar os recursos necessários. O trabalho foi finalizado nessa terça-feira, 26, e os relatórios foram apresentados município a município.

“Precisamos mapear as necessidades e angariar potenciais parceiros que possam aportar recursos para apoiar nossas empresas. Esse mapeamento nos traz uma visão da realidade das perdas. Por isso, optamos por um modelo padrão, com relatório especificado por cidades”, comenta.

Além deste trabalho, o Sebrae presta consultoria financeira às empresas atingidas, auxiliando o empresário a fazer um balanço da situação. “E, sobretudo, a fazer um plano de ação de curto prazo para que retome suas atividades”. Ainda, existem alguns programas em estruturação, mas que ainda não foi oficialmente lançado.

SEDE AFETADA

Entidade centenária, a Acil funciona em um histórico prédio na rua Silva Jardim e também foi atingida pela enchente. O primeiro andar, que também abriga a ONG Parceiros Voluntários e o escritório regional do BRDE, foi totalmente devastado, o que motivou a interrupção temporária das atividades.

O salão de eventos, que sedia palestras e cursos, segue fechado e só deve reabrir em outubro. A presidente da Acil, Graciela Black, lamenta os prejuízos decorrentes da cheia, mas ressalta que a prioridade tem sido o suporte aos associados que foram afetados.

Prédio da Acil sofreu prejuízos após a cheia. Muitos materiais foram perdidos



DIVULGAÇÃO

O RECOMEÇO

Com mais de 20 anos de história, a Veste Bem viveu momentos de terror com a cheia do Rio Taquari. Desde 2019 instalada na rua Bento Gonçalves, próximo à esquina com a Carlos Von Koseritz, a loja de vestuário sofreu diversas perdas na inundação. A rápida elevação das águas pegou de surpresa proprietária e funcionários.

“Eu estava voltando de São Paulo e, quando cheguei na loja, a água já estava entrando. Tentamos colocar as coisas mais para o alto e não funcionou. Então, um dos moradores do prédio ao lado ofereceu o apartamento para que deixássemos as mercadorias. Ninguém imaginou que chegaria a aquela altura”, recorda a proprietária, Rosemeri Ruppenthal.

Segundo ela, a água passou de 1,8 metro na loja. Em meio à correria, veio ajuda de todos os lados. “Muitas peças molharam e foram perdidas. Mas, com o auxílio das pessoas, conseguimos tirar outras tantas. E tem gente que até agora não sei quem é e veio aqui. Era uma mulher, que chorava e ajudava. Foi um anjo na vida da gente”.

Rosimeri comenta que foi necessário um plantão na loja, entre terça e quarta-feira (dias 5 e 6), para conseguir acessar o local. “O pessoal da quadra se ajudou na limpeza. Estávamos entre umas 15 pessoas”. Ela se emociona ao lembrar do apoio recebido dos clientes também. “Foi um recomeço bem legal”.

Lojistas se ajudaram na limpeza dos estabelecimentos situados na Bento



ARQUIVO PESSOAL

ASSOCIAÇÕES DE MORADORES COBRAM SISTEMA MAIS EFICIENTE

ARQUIVO A HORA

Ruas da cidade ficaram totalmente submersas. Pedidos vão desde a melhora no monitoramento até qualificação da comunicação interna

A enchente histórica deixou marcas profundas na cidade. Casas destruídas, acúmulo de entulhos e sujeira nas ruas foram a tônica do pós-cheia. Nos bairros atingidos, pedidos por soluções imediatas e, sobretudo, de um planejamento a médio e longo prazos na prevenção. As associações de moradores, inclusive, buscam participar das discussões.

Presidente do Centro de Apoio às Associações de Moradores, Rodrigo Henicka defende um diálogo maior entre o poder público e a comunidade, sobretudo na temática da habitação. Considera este um debate essencial, visto a necessidade de realocação de famílias em áreas não alagáveis.

“Tem que haver, de ambas as partes, um diálogo. É um processo que vai precisar de sensibilidade, pois é um problema de toda a comunidade, dos afetados e também daqueles que não foram atingidos. Estamos dispostos a ajudar e a mediar essas discussões”, pontua.

Henicka, no entanto, reforça que os moradores precisam estar dispostos a deixarem suas casas para se alocarem em outras áreas. “Tem muitas pessoas que nasceram naquele local. É algo complicado. Mas precisam repensar isso, pois é



Entidades ligadas aos bairros da cidade querem monitoramento mais eficaz às possíveis cheias

uma situação que incomoda”.

Quanto ao monitoramento, Henicka defende investimentos para aperfeiçoar a resposta do município. “É preciso pensar em algo que, ao menos, possa reduzir o avanço das águas. Há anos se fala disso, mas nunca foi feito nada. Devido às questões climáticas, episódios como esse podem se tornar mais frequentes”.

Melhor comunicação

A parte baixa do Centro de Lajeado foi uma das áreas mais atingidas da cidade. Conforme o presidente da Associação de Moradores do Centro Histórico, Jean Amorim, a enchente afetou toda a região, deixando famílias desabrigadas e sem seus pertences. “Nada nada se salvou”.

Para ele, falhas na prevenção e a falta de uma comunicação eficiente foram as grandes dificuldades do período. Amorim relata que grande

parte das famílias do local são formadas por idosos e os alertas eram feitos pelas redes sociais das autoridades. Assim, muitas pessoas ficaram sem acesso à informação. Outro ponto abordado por ele foi a sensação de “abandono” dos moradores.

Agora, com o início do retorno das famílias às suas casas, a dificuldade se apresenta de outra maneira. “As campanhas de arrecadação de doativos foram essenciais. Foi muito bom ver a mobilização de toda a comunidade do Vale. O problema, no entanto, é a falta de caminhões para buscar as doações”.

Amorim afirma que o futuro da região é complicado. “Mais do que estruturas de casas e pertences pessoais, o psicológico da comunidade está arrasado. Muitas famílias não querem voltar por conta do trauma desse período”.

Controle das águas

Outro bairro severamente afetado pela cheia foi o Conservas, com centenas de residências atingidas. O presidente da Associação de Moradores, Claudiomir Coutinho, entende que, em situações de possíveis cheias, poderia ser feita a abertura das comportas da Barragem Eclusa, em Bom Retiro do Sul.

“Se abrissem a barragem um pouco antes de vir toda essa água,

isso faria com que o Rio Taquari não subisse tanto. É uma medida que poderia ser tomada nesses casos”, defende Coutinho, ao lembrar do drama enfrentado pelas famílias durante a inundação.

Também aponta que deve ser vista com urgência a questão habitacional. “As coisas estão mais tranquilas agora, mas esses locais habitados na beira das barrancas do rio têm que ser esvaziados. E, a partir disso, o município precisa colocar em prática os projetos habitacionais em áreas mais seguras”.

Avisos

Nunca o Universitário foi atingido por uma enchente tão grande como a deste ano. O bairro, margeado também pelo Rio Forqueta, sofreu danos nas imediações da rua Pedro Petry e também próximo à Ponte de Ferro. A presidente da Associação de Moradores, Mara Göergen, é entusiasta de um sistema de monitoramento mais eficiente.

Os investimentos em previsibilidade são fundamentais para que os efeitos das cheias sejam mitigados. “Tem que haver um sistema já na cabeceira, que nos informasse: se preparem, pois vai dar uma enchente com mais de 26, 27, 28 metros. Choveu muito e a água subiu rápido. Então, tem que ter algum meio de fazer esse alerta, do quanto



Esses locais habitados na beira das barrancas do rio têm que ser esvaziados. E, a partir disso, o município precisa colocar em prática os projetos habitacionais em áreas mais seguras”

CLAUDIOMIR COUTINHO,
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO CONSERVAS

choveu lá para cima”, pontua.

Além disso, Mara ressalta a necessidade de um melhor preparo da Defesa Civil, tanto a regional quanto as municipais. “Conversei com muitas pessoas sobre isso, e cada uma falava com tristeza. Não era a dor da água ter invadido a casa, mas principalmente das perdas. De perder lembranças. Isso abala muito”.



Tem que haver, de ambas as partes, um diálogo. É um processo que vai precisar de sensibilidade, pois é um problema de toda a comunidade”

RODRIGO HENICKA,
PRESIDENTE DO CENTRO DE APOIO AOS BAIRROS

PROMOTORIA ABRE INQUÉRITO PARA VERIFICAR CAUSAS E PROPOR MEDIDAS

Promotor Sérgio Diefenbach defende “três eixos” de atuação do órgão estadual após o evento catastrófico do começo do mês. Ministério Público Federal também abriu investigação das responsabilidades

Três semanas após a maior catástrofe natural da história da região, o Ministério Público planeja uma atuação mais estruturada no cenário pós-enchente no Vale do Taquari. A promotoria de Lajeado abriu um inquérito civil com o objetivo de investigar as ações tomadas na enchente para mitigar e prevenir efeitos do fenômeno.

O inquérito, segundo o promotor Sérgio Diefenbach, busca auxiliar Lajeado e os demais municípios da Comarca atingidos pela cheia do Rio Taquari, além de integrar a averiguação executada pelo Ministério Público Federal. Três eixos de atuação foram definidos, cada um deles com diferentes medidas a serem tomadas. Algumas já estão em andamento.

Nas medidas emergenciais, estão questões como a ajuda humanitária, levantamento de famílias com necessidade de novas moradias e avaliação e estudo para revisão das cotas de autorização de construção. O segundo eixo busca entender se houve falhas no mo-



Cidades como Lajeado tiveram perdas significativas com a cheia histórica

nitoramento e apontar – ou não – responsabilidades. Por fim, as ações estruturantes para a reconstrução das cidades.

“Nós buscamos estar ao lado dos gestores neste momento e, principalmente, da comunidade, das pessoas que estão em sofrimento. Por isso, o inquérito tem três frentes principais, algumas já

em curso”, comenta Diefenbach, que também é o responsável pela Promotoria Regional do Meio Ambiente da Bacia Hidrográfica dos Rios Taquari e Antas

Diefenbach também destaca a importância do trabalho conjunto com os municípios, as entidades e também a população na reconstrução. “O momento é de união, e não de protagonismos individuais e institucionais”.

“Olhar para a frente”

Diefenbach entende que, quan-

do se fala em responsabilidades da tragédia, o mais importante é olhar para a frente. “Podemos e devemos olhar para trás, ver o que aconteceu, se houve alguém que poderia ter feito diferente e negligenciou. Isso pode aparecer, mas o que importa é a responsabilidade para frente”.

O promotor realça a necessidade de todos os municípios contarem com plano municipal de habitação condizente com a realidade atual. “Lajeado, por exemplo, sofre muito com isso. Os municípios precisam. É olhar a cidade de cima, como se tivesse um grande drone,



O momento é de união, e não de protagonismos individuais e institucionais”

SÉRGIO DIEFENBACH,
PROMOTOR DE JUSTIÇA

ver o crescimento populacional e refletir: para que lado vamos? Como serão as moradias?”.

Inquérito federal

Paralelamente, na esfera federal, tramita um inquérito civil no Ministério Público Federal (MPF). O procedimento foi aberto logo após as cheias dos dias 4 e 5 de setembro, com foco no Vale do Taquari e também na região serrana.

O objetivo é averiguar possíveis responsabilidades quanto a medidas que poderiam ser adotadas para mitigar e prevenir os efeitos adversos das inundações, bem como proporcionar ações de comunicação e resposta no auxílio a população atingida. O MP do Rio Grande do Sul também abriu um inquérito para acompanhamento da situação.

OS TRÊS EIXOS DE ATUAÇÃO DO MP

Medidas emergenciais

- Ajuda humanitária
- **Ampliação do quadro de pessoal e horas de trabalho no serviço social**
- Levantamento do número de famílias que precisam de novas moradias
- **Proteção das encostas, APPs, taludes e áreas de risco**
- Suspensão de aprovação de qualquer projeto de loteamento, aterro ou construção nas áreas atingidas
- **Avaliação e estudo para revisão das cotas de autorização de construção**
- Verificação dos empreendimentos licenciados pela Fepam que foram atingidos
- **Avaliação da situação geral das lavouras e áreas de pecuária**

Causas e responsabilidades

- Verificar cópias, documentos e informações relativos às barragens existentes nas cabeceiras do Rio Taquari
- **Juntar notas emitidas pelo Instituto de Pesquisas Hidrológicas (IPH) e pelo Fórum Gaúcho dos Comitês de Bacia**
- Solicitar informações à Defesa Civil do RS e cronologias do Sistema de Alertas de Enchentes desde 3 de setembro até 5 de setembro
- **Solicitar as mesmas informações aos responsáveis pela Defesa Civil de cada um dos municípios atingidos e também sobre as medidas concretas tomadas para alerta e resgate de pessoas;**

Medidas estruturantes

- Recomendar a prefeitos e vereadores a instauração de um amplo debate político e análise técnica quanto à necessidade de atualização e revisão do Plano Diretor
- **Recomendar a elaboração ou aperfeiçoamento de um Plano de Emergência e Evacuação em caso de eventos hidrológicos e extremos**
- Verificar se há estudos ou iniciativas para desapropriação de áreas antes habitadas e agora impróprias para construção civil, com destinação para áreas de lazer, contemplação ou memoriais da tragédia;
- **Solicitação de informações à Fepam sobre o fiel cumprimento da licença ambiental de todas as barragens e se há pedido de licença para construção de novas barragens;**
- Pedido para reunião presencial no Vale do Taquari, com a participação do procurador-geral de Justiça, prefeitos, promotores, governador e secretários de estado.

DEBATE TRAZ NECESSIDADE DE PLANEJAMENTO PARA AS CHEIAS

Convidados abordaram aspectos históricos, desafios atuais e como enfrentar futuras enchentes sem que os estragos sejam tão grandes. Edição deste mês reuniu representantes do poder público, iniciativa privada e universidade

Lembranças e lições do passado, os dramas do presente e as ações necessárias ao futuro. Afinal, é possível que um novo fenômeno deste porte atinja Lajeado? De que forma podemos melhorar a capacidade de monitoramento e resposta às enchentes do Rio Taquari. Onde nossas autoridades erraram?

As perguntas acima permearam o sétimo debate do projeto “Lajeado – Um novo olhar sobre os Bairros”. Por conta da cheia histórica que devastou a região, a proposta deste mês trouxe uma abordagem diferente da planejada inicialmente. O foco se concentrou nos danos e nas ações projetadas na maior cidade do Vale do Taquari.

A professora Cintia Agostini, gerente comercial da área de Relacionamento com o Mercado da Univates representou a universidade, que desempenha papel importante na reconstrução das cidades. Já Augusto Alves, também docente, foi convidado por sua atuação no Comitê dos Bairros. Graciela Black, presidente da Acil, foi a voz da iniciativa privada e Céci Gerlach, secretária municipal de Desenvolvimento Social, foi indicada pelo Executivo de Lajeado.

Os quatro participantes fo-

ram unânimes em apontar esta como a maior tragédia da história de Lajeado. Também optaram por não apontar responsabilidades no episódio – com exceção de Céci, que considera toda a sociedade como culpada pela cheia – e reforçaram a necessidade de um planejamento a médio e longo prazo para prevenção das enchentes, além de iniciativas emergenciais em um curto prazo.

Catástrofe

Alves, com experiência de ter atuado na análise de outras enchentes, define o acontecimento de 2023 como “um evento catastrófico” e lembra que, em alguns pontos, o nível do Rio Taquari superou a marca de 1941, de 29,92, considerada oficialmente a maior da história na cidade.

“Foi de uma magnitude nunca antes vista. Além disso, choveu por apenas dois dias. As pessoas

não estavam acostumadas com uma cheia onde o rio subiu tão rápido. Independentemente de ter sido maior ou não do que a de 1941, o que interessa agora é saber o real tamanho do impacto”, pontua.

Mesmo com o prefeito tendo alertado a população sobre a possibilidade de uma grande cheia, Alves acredita que o próprio Executivo foi pego de surpresa. “Havia uma certa expectativa de subida, mas superou muito as projeções. Não se imaginava que seria tanto, e nem com tamanha violência”.

Para o professor, o momento exige investimento em um sistema mais assertivo. “Precisamos de um sistema regional, estadual talvez, para que se consiga fazer um monitoramento melhor. Até para ter mais chances de prever quando acontece eventos como este e, somado a isso, todo um sistema alinhado com a prefeitura para ver como



Precisamos de um sistema regional, estadual talvez, para que se consiga fazer um monitoramento melhor. Até para ter mais chances de prever quando acontece eventos como este”

AUGUSTO ALVES,
PROFESSOR DA UNIVATES
E INTEGRANTE DO
COMITÊ DOS BAIRROS



As pessoas não viveram isso antes. Por isso, nós precisamos reeducar e repensar daqui para frente. Nosso parâmetro não é mais o passado, de 1941. É a enchente de agora”

CINTIA AGOSTINI,
GERENTE COMERCIAL DA ÁREA
DE RELACIONAMENTO COM O
MERCADO DA UNIVATES



Projeto do A Hora abriu espaço para discutir efeitos da cheia em Lajeado, com diversos bairros afetados

conselho, fizemos um orçamento para reestruturar nosso sistema de alerta”, frisa Cintia. Para ela, a região passa por um momento de “transição”, por conta dos recorrentes impactos climáticos.

“É uma mudança significativa muito rápida. As pessoas não viveram isso antes. Por isso, nós precisamos reeducar e repensar daqui para frente. Nosso parâmetro não é mais o passado, de 1941. É a enchente de agora”.

Característica histórica

Cintia entende que o fato de, ainda hoje, existirem residências e comércios próximos às margens do rio se deve à característica histórica da região. “O Vale nasce ao longo do Taquari. Lá atrás, nós não tínhamos estradas. Por onde transitávamos então? Pelo rio. É o que te dava condições para começar uma história”.

Com o passar dos anos, e a abertura de ruas e estradas, as pessoas cujas condições de vida melhoravam, buscavam outros locais para residir e até empreender. As áreas se desvalorizaram

gerenciar alertas, mobilização e governança”.

Reeducação

Ex-presidente do Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari (Codevat), Cintia recorda que, graças a recursos da Consulta Popular, foram obtidos recursos, há alguns anos, para criação de um sistema de alerta para grandes volumes de chuva e enchentes. O monitoramento é feito pela Univates.

“Infelizmente, é um trabalho com recursos limitados. Lembro que, em 2020, nós, enquanto



Eu particularmente pedi a prorrogação de todos os impostos. O secretário falou em quatro meses, mas não é o suficiente. As empresas vão precisar de um tempo maior para conseguir se restabelecer”

GRACIELA BLACK,
PRESIDENTE DA ACIL

a suspensão dos mesmos – e prorrogação do pagamento de impostos. Algumas medidas contemplaram o setor.

“Nossas demandas são muitas. Eu particularmente pedi a prorrogação de todos os impostos. O secretário falou em quatro meses, mas não é o suficiente. As empresas vão precisar de um tempo maior para conseguir se restabelecer. E existem pessoas dentro dessas empresas, que foram afetadas. E não podemos deixar de pensar neles”.

Uma sugestão apresentada por Graciela foi de um projeto semelhante ao que foi desenvolvido em âmbito federal, na proteção do emprego das pessoas que trabalham em empresas atingidas pela cheia. “Foi o que eu pensei na hora para que a empresa impactada consiga operar, mas que o emprego desse funcionário com o contrato suspenso siga existindo”.

e, com isso, a ocupação, na maior parte dos pontos, passou a ser de famílias mais vulneráveis.

“Nos virarmos de novo para o rio não é virarmos para nos instalar de novo por lá e fazer um enfrentamento com a natureza. Mas, sim, de como podemos compatibilizar os usos desse espaço”, pontua.

Responsabilidade

Céci estava à frente da Secretaria de Desenvolvimento Social na enchente de 2020 e novamente lida com uma situação de milhares de pessoas fora de suas casas. Nas conversas com as famílias impactadas, admite que ouviu relatos dramáticos, impossível segurar as lágrimas.

“O cenário que vemos nos bairros mais afetados é muito triste. Não tem como não se emocionar. Mas nós precisamos dar um suporte para que essa gente se reconstrua. E é necessário ser forte para atender essas pessoas, fazer esse acolhimento e a escuta”, pondera.

A secretária faz uma reflexão sobre as responsabilidades de cada um na tragédia, sem apontar o dedo para culpados. “A Mãe

Natureza vem dando as respostas. Quando você caminha na rua e olha a lixeira transbordando, a bituca de cigarro no chão,

a garrafinha pet colocada numa floreira. Isso é a irresponsabilidade de cada um de nós. Precisamos pedir perdão e forças para reconstruir”.

Insegurança

Boa parte das famílias iniciou o retorno para casa uma semana após a enchente histórica. Alguns retornos, no entanto, foram tomados pela insegurança. Seja pelas condições habitacionais precárias ou mesmo pelo trauma que permanecerá por muito tempo.

“Vai ficar um clima de insegurança para essas pessoas a cada chuva que cai, sobretudo aos que perderam familiares. É algo que nunca mais será esquecido. É traumático para eles”, avalia Céci.



Vai ficar um clima de insegurança para essas pessoas a cada chuva que cai, sobretudo aos que perderam familiares. É algo que nunca mais será esquecido. É traumático para eles”

CÉCI GERLACH,
SECRETÁRIA DE
DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Conversa com os empresários

Tão logo as águas do Taquari baixaram, empresas das cidades afetadas começaram a contabilizar as perdas. Empresas sediadas em diversos cantos dos bairros inundados sofreram pre-

juízos milionários. Algumas até mesmo já preparam mudança para áreas mais altas.

Graciela comenta que, num primeiro momento, a Acil buscou ouvir os empresários para depois começar a projetar ações em prol da reconstrução desses negócios. “Nossa equipe ligou para todos os associados para ver quais foram atingidos, de que forma isso ocorreu e se precisam de alguma coisa”, lembra.

Um grupo de trabalho interno foi montado para dar conta do suporte aos associados. Enquanto isso, a Acil busca também reestruturar a própria sede, atingida pelas águas do Rio Taquari. “No fim, acabamos precisando, primeiro, socorrer o nosso espaço para depois ajudar os associados”, lamenta Graciela.

Opções ao setor

Graciela representou a Acil e o setor produtivo de Lajeado em reuniões com o governo do Estado, em busca de melhores condições para pagamento de dívidas e financiamentos – ou



Acesse o QR Code e assista na íntegra o debate.

Próximos debates

10/10
Universitário

14/11
Florestal

EM 150 ANOS, AS ENCHENTES QUE MARCARAM LAJEADO

Entre 1873 e 2023, diversas cheias avançaram sobre a cidade. Na memória, ficam as maiores que assolaram a região, em especial, as dos anos de 1941 e 1956

A história de Lajeado começou às margens do Rio Taquari. As enchentes fazem parte da realidade do município muito tempo antes do primeiro povoado ser erguido.

Foi por meio do Rio Taquari que os primeiros exploradores chegaram à região. Por muitas décadas, o rio foi o principal meio de locomoção para o Vale do Taquari, uma veia comum às primeiras comunidades.

A primeira grande enchente

Nas pesquisas de José Alfredo Schierholt, o historiador cita que uma grande enchente avançou sobre a região em 1873. Schierholt aponta que aquela foi, possivelmente, a maior cheia que se tem registro até hoje, quando a água cobriu em mais de um metro a parte alta da rua Oswaldo Aranha.

A inundação de 1873 motivou a constru o da Casa do Morro de Cruzeiro do Sul. Naquele ano, a residência da família Azambuja, próxima ao rio, foi destruída pela força das  guas. Assim, o Coronel Prim rdio Centeno Xavier de Azambuja ergueu uma nova estrutura no alto do morro, longe do rio.

Registros históricos apontam que foi na década de 1870 que Fialho de Vargas construiu um novo sobrado em Lajeado, dessa vez, nas proximidades onde é hoje a Praça Marechal Floriano (Matriz). O primeiro casarão, er-



Essas inunda es estão separadas por um período aproximado de 75 anos, 1873, 1941 e 2023”

WOLFGANG COLLISCHONN,
HISTORIADOR E PESQUISADOR

guido em 1855 no bairro Carneiros (em uma área alagável), foi abandonado.

Nos arredores do novo sobrado, já no atual centro, Fialho de Vargas doou terrenos para a praça, igreja e cemitério. Também estudioso do assunto, o pro-

fessor Wolfgang Collischonn, 89, considera possível que, em 1873, Fialho de Vargas tenha anotado os pontos até onde a enchente chegou.

Assim, quando doou os terrenos, levou em considera o essas marcas. “Neste ano, se observarmos, a água chegou exatamente às bordas da Praça da Matriz e ficou um metro distante do piso da igreja. Sequer alcançou o cemitério”.

Collischonn também chama aten o para uma certa periodicidade que parece interligar essas três grandes cheias. “Essas inunda es estão separadas por um período aproximado de 75 anos, 1873, 1941 e 2023”.

A grande enchente de 1873 também pode ter motivado a cria o da Paróquia Santo In cio de Loyola, em 1881. As constantes cheias impediam que os padres, residentes em Estrela, viessem atender a pequena vila de Lajeado. Assim, uma igreja própria foi construída ainda no século XIX.

A histórica cheia de 1941

Toda vez que o Rio Taquari invade Lajeado, o fantasma da enchente de 1941 retorna para as lembranças dos lajeadenses mais antigos. Relatos de quem viveu a enchente histórica 80 anos atrás são escassos, mas confirmam que a água subiu muito rápido e chegou em locais nunca antes alcançados.

Maria Lúcia Straatmann, 79, não era nascida quando a enchente de 1941 inundou Lajeado. Mas a família da professora aposentada acompanhou de perto as subidas e descidas do Rio Taquari. Os Straatmann administravam um posto de combustível e uma revenda de carros na rua Silva Jardim.

“Meu pai sabia que, quando começava a sair água no bueiro dos Prinz, em um curto período de tempo chegaria na oficina”.

REPRODU O



Em 1956, a água chegou até a rua Marechal Deodoro e próximo ao antigo Cine Avenida



Em 1928, a enchente chegou à borda da Praça Marechal Floriano. Na foto, é possível identificar o primeiro prédio do Castelinho (depois demolido) à esquerda, a intendência municipal à direita e o cemitério bem ao fundo

nhou de perto as cheias do Rio Taquari. Foi por isso que, quando a escola ampliou sua estrutura, ainda na década de 1960, levou em consideração o alcance das águas.

Quem lembra da construção dos prédios é o ex-professor Ladair Rahmeier, 78. Com recursos vindos da Alemanha, as obras do Jardim de Infância e dos Blocos 1 e 2 da escola iniciaram em 1965. Na época, um estabelecimento na esquina das ruas Bento Gonçalves e Carlos Von Koseritz ainda tinha a marca da enchente de 1941. Assim, os técnicos traçaram uma reta no mesmo nível e construíram os prédios exatamente nessa metragem.

“Diziam que nenhuma enchente superaria a de 1941. A laje mais baixa respeitou o nível máximo que a água chegou naquela enchente, de 29,92 metros”, conta o professor. Este ano, no entanto, a cheia superou em quase 80 centímetros a altura da laje, alagando salas de aula e, inclusive, o Teatro do Ceat.

Pela metragem oficial, em 2023, o Taquari chegou a 29,62 metros. Mas, considerando o alcance das águas nos prédios da escola, o nível desta enchente pode ter superado os 30 metros, se tornando, provavelmente, a maior cheia da história do Vale do Taquari.

cultura, com prejuízos superiores a 100 milhões de cruzeiros.

Na época, os governos federal e estadual também foram acionados para auxiliar a região. Roca Sales foi um dos municípios mais atingidos. As ruas centrais ficaram inundadas. Conforme o jornal A Voz do Alto Taquari, de 1956, em Roca Sales, a enchente superou a 1941.

No mesmo periódico, datado de abril, um relato muito se assemelha aos deste ano. “O povo de Lajeado ficou consternado. As ruas se encheram de curiosos. Nas esquinas se viam grupos de famílias pobres, sem lar, sem nada”.

E a enchente de 2023?

O Colégio Evangélico Alberto Torres (Ceat) sempre acompa-

que choveu no Rio Grande do Sul por 20 dias seguidos entre abril e maio de 1941. Não somente a bacia Taquari-Antas transbordou. Em Porto Alegre, o Guaíba também inundou a cidade. Fotos mostram barcos na rua das Andradas, tamanho era o volume de água no centro histórico.

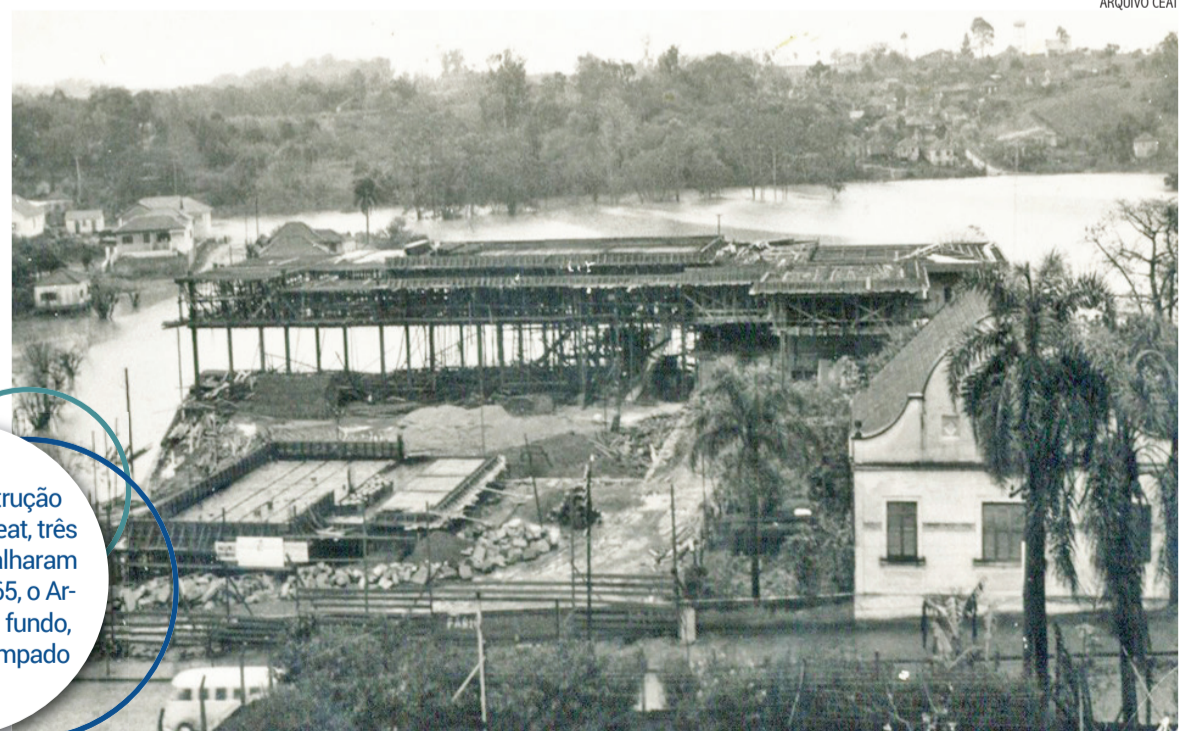
Na capa do jornal O Taquariense de 10 de maio de 1941 a percepção da época: “Os habitantes desta cidade assistiram, com a atual cheia do Rio Taquari, um espetáculo doloroso que jamais se apagará da memória dos que tiveram a ventura ou desventura de assisti-lo”.

Os prejuízos de 1956

Até 2023, a enchente de 1956 ocupava a segunda posição no ranking das maiores cheias da história do Rio Taquari. Naquele

Foto mostra o atual Parque dos Dick, na enchente de 1941. Ao fundo, à esquerda, está a Escola Fernandes Vieira. O prédio tinha sido inaugurado no ano anterior

ano, cerca de 50 casas foram levadas pela água. Essa enchente causou muitas perdas na agri-



Durante a construção dos prédios do Ceat, três enchentes atrapalharam as obras. Em 1965, o Arroio Engenho, ao fundo, ainda não era tampado



Diziam que nenhuma enchente superaria a de 1941”

LADAIR RAHMEIER,
EX-PROFESSOR DO CEAT

De fato, a enchente de 1941 quase alcançou o segundo andar da concessionária.

Os pais de Maria Lúcia moravam na rua Borges de Medeiros. A mãe, segundo ela, sempre relatava que a grande enchente de daquele ano chegou até a esquina.

A casa em que Maria Lúcia mora hoje, na avenida Benjamin Constant, nas proximidades da Borges, foi construída em 1946. “Em todos esses anos, nunca entrou água aqui. Pelo que me contaram, antes da casa ser feita, na enchente de 1941, a água só chegou nos fundos do terreno”. Neste ano, a professora ficou ilhada, na porta de casa, oito centímetros impediram a água de invadir a residência.

Registros daquele tempo citam

Respeite o Rio Taquari



ARTIGO
GILBERTO SOARES
Publicitário

Não condene o rio Taquari pela tragédia recente. Ele não é vilão, apenas seguia seu curso tangido naquela hora por circunstâncias colossais e imparáveis.

Lembre-se desse privilégio que é desfrutar de sua correnteza benfazeja. De viver em seu vale, beber suas águas e saborear os frutos gerados fertilizados por seu metódico transbordar.

Seja grato e comemore a graça de ter à mão tal patrimônio, que nada pede e tudo entrega. Alias, se pudesse pedir algo, certamente o faria como alerta: “Sou uma força da natureza, não interrompa o meu cami-

nho!”.

Não maldiga a tríade Carreiro, Antas, Taquari pelas ruínas, ainda que sejam inesquecíveis. Não há culpa na gravidez do Leviatã* arrasador, pois é de sua natureza parir, de quando em quando, por um prodígio imparável.

Raciocine sobre a falta de planejamento que nos leva a atravancar o caminho trilhado por uma quase eternidade pelos rios.

Ouçã o recado reiterado da ciência: “Não construam aí. Saiam!”. Valorize a voz da razão. Ela não é uma cantilena alarmista, conforme propagam interesses inescrupulosos,



Ouçã o recado reiterado da ciência: “Não construam aí. Saiam!”. Valorize a voz da razão. Ela não é uma cantilena alarmista, conforme propagam interesses inescrupulosos, egoístas e deletérios”

egoístas e deletérios.
Aceite esta dura realidade:

pouca gente acerca-se amistosa e fraternalmente de rios, lagos e mares. Somos seres cada vez mais utilitários, e autores de lenta e mortal agonia das águas.

Jamais esqueça que, mesmo entorpecido pelo coquetel de esgotos, chorume e veneno de lavouros, o Taquari se depura, resiste e assegura a perenidade da vida. E, de frente para ele, reconheça: “Sem minha presença, és tudo; sem um rio próximo, sou nada”.

Defenda o “rio das taquaras” pela graça de ser um dadivoso e dedicado fiel depositário da vida. Então, aprecie o sol esplendido nesse belo corpo d’água

espraiado sobre o vale abençoado e admire-o como ouro de lava tépida.

Guarde boas lições e como a da sábia raposa ao Pequeno Príncipe sobre como principiar a amizade. “Cative-me, por favor!”, pediu ao menino. Repita tal gentileza com o rio: cative-o, respeite-o e seja responsável por sua proteção.

Por fim, reconheça sua humana finitude e a perpetuidade do Taquari.

**Monstro marinho de que se fala na Bíblia; coisa colossal.*

A reconstrução das cidades após a cheia



ARTIGO
AUGUSTO ALVES
Arquiteto e urbanista e professor da Univates

Os impactos causados pelas cheias dos dias 4 e 5 de setembro no Vale do Taquari são inéditos, seja pelo nível que o rio atingiu, pela velocidade com que as águas subiram e a violência da correnteza. Diversas evidências apontam que as águas atingiram uma cota mais elevada que na enchente de 1941, sobretudo nos municípios da parte alta do Vale. Em Lajeado, aquela enchente histórica chegou a 29,92m, a maior já registrada e a mais famosa, marcando o imaginário coletivo por décadas. Porém, a enchente deste mês superou-a.

Um aspecto que explica o agravamento do desastre atual foi o grande avanço da urbanização nas oito décadas que se passaram. A população do Vale era de aproximadamente 150 mil habitantes em 1941, menos da metade da atual, Lajeado tinha apenas 35 mil habitantes, isso com um território muito maior que o de hoje. O intenso desenvolvimento das cidades

valorizou o espaço urbano e elevou o custo do solo, pressionando a ocupação das áreas mais baixas e próximas do rio. Isso fez com que as perdas, dessa vez, fossem muito maiores em todos os aspectos, com impactos econômicos, sociais, humanos e ambientais imensos.

É fato conhecido que cheias atingem as cidades da região com regularidade. Estudos realizados para Lajeado apontam que enchentes que atingem 20m tem um período de retorno de 2 anos. Enchentes de 24m tem período de retorno de 5 anos e enchentes de 27m, 13 anos. A cota autorizada pelo Plano Diretor para edificações é de 27m, sendo permitidas garagens a 24m. Uma cheia como esta, que atingiu por volta de 30m, tem período de retorno estimado em 40 anos. A cota normal do rio é de 13m, sendo que na cota de 19m as primeiras casas já são atingidas. Esses números todos podem parecer complicados, mas, analisando,



Se as perdas materiais são difíceis de se calcular, as perdas humanas de quem viveu esse drama são inestimáveis. Nunca tivemos uma tragédia desta magnitude”

temos uma noção do tamanho do problema que as nossas cidades enfrentam com a subida das águas. Cheias menores atingem áreas restritas e causam transtornos localizados, mas são mais frequentes. Já as grandes enchentes são

mais raras, mas têm o seu impacto ampliado na medida da elevação da cota, atingindo vastas áreas, com suas infraestruturas, residências, comércios e outras atividades, causando prejuízos econômicos e sociais muito significativos.

Se as perdas materiais são difíceis de calcular, as perdas humanas de quem viveu esse drama são inestimáveis. Nunca tivemos uma tragédia desta magnitude, o desastre natural com mais mortes na história do estado. Mas ele era evitável? Temos como escapar de desastres dessa natureza? O que podemos fazer frente a esses desafios? Ficou evidente que falta planejamento urbano em muitas cidades da região. A prefeitura municipal é a responsável pelo planejamento urbano no município, sendo o Plano Diretor o principal instrumento de implementação da política urbana.

Por meio do Plano é possível restringir a ocupação das áreas que

se encontram abaixo de uma determinada cota estabelecida como segura. Deve ser feita a fiscalização e acompanhamento para que estas áreas não sejam ocupadas de forma irregular, remanejar de forma gradual os moradores que se encontrem em áreas de risco e promover políticas de habitação para o reassentamento.

Para minimizar os impactos, é preciso criar um sistema efetivo de alerta de cheias em toda bacia hidrográfica do Taquari-Antas. Faltam pontos de monitoramento, a integração em um sistema único e eficiente de alerta e reação em caso de ameaça, assim como a conscientização e treinamento da população das áreas de risco.

Já existem estudos técnicos e produção científica que descrevem o fenômeno complexo das cheias, mas falta a gestão integrada e a implementação de um eficaz sistema de alerta de desastres para toda a população da bacia.





MATEUS SOUZA

mateus@grupoahora.net.br

O trauma da nossa geração

FELIPE NEITZKE



A enchente de 1941 está no imaginário da população. Quem não conhece alguém que vivenciou aquele período? Ouvimos de pais, tios, avós e de outras pessoas histórias relacionadas àquela que

é a maior cheia da história do Rio Taquari. Uma situação que nunca iria se repetir, pensamos. Pois, 82 anos depois, vivenciamos a maior tragédia natural da história da nossa região. As águas alcançaram locais que nunca havíamos

presenciado antes. Casas foram devastadas. Vidas foram perdidas. Uma catástrofe. As páginas mais tristes dos 132 anos de Lajeado foram escritas em setembro de 2023. Um trauma que vamos carregar por muitos anos.

Corrente do bem

Catástrofes costumam deixar lições. E ajudam a mostrar o melhor (e o pior) do ser humano. Neste tópico, no entanto, quero exaltar o que de mais positivo tivemos nas últimas semanas: a solidariedade. Uma mobilização sem precedentes em prol da nossa região. Em Lajeado, o Parque do Imigrante foi o ponto de encontro de milhares de pessoas, de todos os cantos da região e do RS. Todas com o mesmo objetivo de fazer o bem, de ajudar aqueles que mais necessitavam. Foram momentos marcantes. A população pegou juntou e isso faz toda a diferença.



Papel da imprensa



“O trabalho de vocês ajudou a salvar vidas”. Eu e outros colegas ouvimos frases semelhantes com alguma frequência nos dias que sucederam a enchente. E isso, de certa forma, nos conforta. A imprensa regional (e aqui não falo somente do A Hora) prestou uma contribuição inestimável neste momento tão difícil. Com cidades sem energia elétrica e sinal de telefone e internet, o rádio era a única forma de comunicação disponível. Um serviço indispensável.

Precisamos de um plano



Ao mesmo tempo em que lamentamos as perdas humanas e materiais, precisamos também reagir. Não podemos mais contar com suposições. Chega de negligência. Já passou da hora de Lajeado e região contarem com um plano de prevenção abrangente contra enchentes. Não sabemos quando episódios como este podem ocorrer novamente. Portanto, vamos seguir vigilantes. Cobrar de autoridades para que medidas e ações concretas sejam colocadas em prática. E, claro, nunca deixar cair no esquecimento.

PROGRAME-SE

5 DE OUTUBRO

17º Aniversário da Academia Literária do Vale do Taquari (Alivat)
Local: A definir

12 DE OUTUBRO

2ª Cavalgada Nossa Senhora Aparecida
Local: Trajeto a ser definido

14 DE OUTUBRO

Dia das Crianças
Local: Jardim Botânico de Lajeado

17 A 20 DE OUTUBRO

Jornada da Alimentação
Local: Clube Tiro e Caça

22 A 28 DE OUTUBRO

3ª Semana Municipal Lixo Zero
Local: A definir

A culpa?

Colegas do A Hora foram precisos em suas colunas veiculadas nas últimas semanas na edição impressa sobre a responsabilização da tragédia. Não é momento de caça às bruxas, mas, infelizmente, estamos sujeitos a novos eventos climáticos como esse. É possível, por meio de todo o aparato tecnológico existente, prever uma inundação deste porte. Para isso, basta investir e treinar. E se não houver investimentos maciços em prevenção, monitoramento e capacitação, já sabemos de quem será a culpa em uma eventual nova cheia. Não é?



DAS RUAS

– A enchente chegou em locais onde antes nunca havia alcançado em Lajeado. Ver a Benjamin Constant ser bloqueada em alguns pontos assustou muita gente. Afinal, trata-se da avenida mais importante da cidade. Nos bairros, no entanto, o cenário era ainda mais desolador. O Conservas ficou quase todo submerso.

– Agiu rápido o Executivo de Lajeado em garantir o aluguel social às famílias desabrigadas pela cheia. E a câmara de vereadores entendeu o recado. Aprovou o projeto de lei no mesmo dia em que deu entrada no Legislativo, e sem maiores delongas. Em horas como essa, todos precisam estar unidos em prol dos mais necessitados. Os termos “situação” e “oposição” ficam para depois.

– É de se destacar também o papel da Univates. Mais uma vez, mostra a importância de contarmos com uma universidade

regional aqui no Vale. A atuação em diversas frentes, como a disponibilização de espaço para o QG do Exército e locação de salas de aula para o Colégio Castelhino são apenas uns entre tantos exemplos positivos.

– Nas comunidades, a solidariedade também foi uma marca presente. Associações de moradores de bairros que não foram atingidos se organizaram para ajudar as localidades mais impactadas. O ginásio da Cohab, por exemplo, serviu como ponto de arrecadação de doações. E o ginásio do Montanha abrigou dezenas de famílias desabrigadas pela enchente.

– O cronograma original do projeto “Lajeado – Um novo olhar sobre os bairros” será retomado em outubro, com o caderno temático sobre o bairro Universitário. Vamos reorganizar o calendário para contemplar todas as localidades até agosto de 2024.

EXPERIÊNCIA MUDA TUDO

O mês de setembro deste ano ficará marcado para sempre em nossas lembranças. Amigos, vizinhos, familiares, muitos de nós fomos atingidos pela enchente e o lastro de tristeza é grande.

O momento é de reconstruir, mas, principalmente, é momento de debater as medidas mais adequadas para que o Vale do Taquari supere suas carências de infraestrutura e tecnologia, capazes de gerar uma vida com segurança e expectativas futuras para todos os seus moradores.

A Imojel segue alinhada aos seus valores e na busca por uma atuação comprometida com a construção de uma sociedade saudável e equilibrada.

O amadurecimento e experiências vividas serão a base de um novo momento da nossa comunidade.

Estamos juntos.

